

O tetrástilo funerário dos *Munii* (Distrito de Évora-Portugal)

Maria Manuela Alves Dias*, Ana Paula Martins Goulart**
e Maria Augusta Bustorff Burnay***

Resumo

O monumento agora encontrado no Distrito de Évora, que pelas características formais e textuais pode ser datado de finais do séc. III inícios do IV, indicia a presença de uma abastada família rural, os *Munii*, e é tanto mais significativo quando se sabe quanto são raros os tetrástilos funerários, ele é o único conhecido, por enquanto, no território português. Rivalizando com a rareza do monumento está a do próprio gentílico. Estamos certamente perante a sobrevivência tardo-imperial dos portadores ruralizados de um gentílico que, originário da Itália, irá sobreviver principalmente na Hispânia, onde é visível, no vale do Ebro, entre as elites locais e, na Bética, entre alguns dos que foram sócio-juridicamente promovidos pela reforma flávia. Chama-se também a atenção para as particularidades do latim destes textos, que testemunham etapas da evolução da língua na Hispânia.

Palavras-chave: Epigrafia latina. Romanização. Arquitectura romana. Monumento funerário.

Abstract

The monument recently found in the district of Évora (Portugal), dated to the late 3rd – early 4th century AD indicates the presence in that area, of a wealthy rural family, the Munii. The type of monument, a tetrastylum, is rarely found and to-date is the only one of its kind discovered in Portugal. Its importance is

* Epigrafista Investigadora do CEC da FLUL.

** Mestre em História e Cultura Pré-Clássicas pela FLUL.

*** Licenciada em Histórico-Filosóficas pela FLUL.

also inbanced by the unexpected gentilicium of the inscriptions, probably representing a late imperial survival of an italian family name. This gentilicium is also found in the Ebro valley used by the local elites, and in Baetica amongst those families whose status was promoted by the flavian reforms.

The particularities of these latin texts also add to our understanding of the evolution of the latin language in Hispania.

Key-words: Latin epigraphy. Romanization. Roman architecture.

Maria Manuela Alves Dias*, Ana Paula Martins Goulart**
e Maria Augusta Bastião Burnay***

Resumo

O monumento aqui estudado no Distrito de Évora, que pelas características formais e textuais pode ser datado de finais do séc. III iniciais do IV, indica a presença de uma estirpe familiar rural, os Munii, e é tanto mais significativo quanto se sabe que esta não mereceu os selos honoríficos, isto é, o único elemento cívico por onde se reconhece o estatuto. Realizando com a leitura do monumento esta e do programa geral de trabalhos realizados durante a investigação de arqueologia em Évora, os autores do artigo procuram estabelecer as condições de existência de um grupo de indivíduos que se situam entre os estratos sociais, onde é possível, no caso do tetrástilo, a sobrevivência de um nome de família, que, apesar de não terem sido encontrados em outros monumentos, se encontram também a nível das inscrições funerárias do tetrástilo, que testemunham etapas da evolução da língua na Hispania.

Palavras-chave: epigrafia latina, romanização, arquitetura romana, monumento funerário.

Abstract

The monument recently found in the district of Évora (Portugal), dated to the late 3rd – early 4th century AD indicates the presence of rural elite of a family rural family, the Munii. The type of monument is rarely found and in fact it is the only one of its kind discovered in Portugal. Its importance is

* Instituto de Investigação do C.R.C. de Évora
** Museu de Évora e Centro de Estudos de Évora
*** Instituto de Investigação do C.R.C. de Évora

Abstrato: Trata-se de um elemento arquitectónico epigrafado, de mármore local (Estremoz/Vila Viçosa), de cor branca com leves veios acinzentados, e pátina rosada, pertencente ao entablamento de um tetrástilo funerário¹. Esta peça foi encontrada na região sudeste do Distrito de Évora, em data que se desconhece, e vendida, em 1990, a Monique Deckers que a integrou na construção da sua casa (Monte Saraz), Horta dos Revoredos, Barrada, junto à vila de Monsaraz². Em 2002, quando visitámos o monte, e fizemos o estudo da peça, Monique Deckers, informada da importância do achado, espontaneamente sugeriu que deveria ser integrado no Museu Nacional de Arqueologia. Na sequência desta louvável intenção a epígrafe passou a integrar o acervo epigráfico do MNA. O que resta deste elemento de arquitrave apresenta, sobre a face epigrafada, uma moldura de 17cm, na face lateral esquerda são visíveis vestígios de uma moldura distinta da anterior; na parte posterior, oposta à epigrafada, a presença de sulcos internos garante que também esta face estava exposta. Na face inferior é visível uma espécie de bastão, (talvez um *thyrsus*), com as duas terminações cónicas, que ocupa quase todo o comprimento da peça, deixando apenas, nas extremidades, espaço para o apoio das colunas, marcados por dois círculos parcialmente visíveis. Este tipo de decoração, na parte inferior de uma pedra de lintel, tem paralelo funcional numa placa de Évora pertencente a um monumento funerário de um jovem senador (Lambrino, 1961, p.227, fig. 2). Se um bastão de terminações cónicas foliformes é facilmente associável aos cultos dionisíacos, tal conotação não é imperativa. O texto especifica que estamos perante um "*tetrastylum cum signu piaeatatis*", admitimos portanto que subjacente está uma prática piedosa simbólica, identificável com a prática da "consa-

Trata-se de um elemento arquitectónico epigrafado, de mármore local (Estremoz/Vila Viçosa), de cor branca com leves veios acinzentados, e pátina rosada, pertencente ao entablamento de um tetrástilo funerário¹.

Esta peça foi encontrada na região sudeste do Distrito de Évora, em data que se desconhece, e vendida, em 1990, a Monique Deckers que a integrou na construção da sua casa (Monte Saraz), Horta dos Revoredos, Barrada, junto à vila de Monsaraz². Em 2002, quando visitámos o monte, e fizemos o estudo da peça, Monique Deckers, informada da importância do achado, espontaneamente sugeriu que deveria ser integrado no Museu Nacional de Arqueologia. Na sequência desta louvável intenção a epígrafe passou a integrar o acervo epigráfico do MNA. O que resta deste elemento de arquitrave apresenta, sobre a face epigrafada, uma moldura de 17cm, na face lateral esquerda são visíveis vestígios de uma moldura distinta da anterior; na parte posterior, oposta à epigrafada, a presença de sulcos internos garante que também esta face estava exposta. Na face inferior é visível uma espécie de bastão, (talvez um *thyrsus*), com as duas terminações cónicas, que ocupa quase todo o comprimento da peça, deixando apenas, nas extremidades, espaço para o apoio das colunas, marcados por dois círculos parcialmente visíveis. Este tipo de decoração, na parte inferior de uma pedra de lintel, tem paralelo funcional numa placa de Évora pertencente a um monumento funerário de um jovem senador (Lambrino, 1961, p.227, fig. 2). Se um bastão de terminações cónicas foliformes é facilmente associável aos cultos dionisíacos, tal conotação não é imperativa. O texto especifica que estamos perante um "*tetrastylum cum signu piaeatatis*", admitimos portanto que subjacente está uma prática piedosa simbólica, identificável com a prática da "consa-

¹ As abreviaturas bibliográficas utilizadas neste artigo são as seguintes: *RIT* (= ALFÖLDY, G. (1975) – *Die Römischen Inschriften von Tarraco*. Berlin); *IRCP* (= ENCARNAÇÃO, J. (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra); *CIL II* (=HÜBNER, E. (1869; 1902) – *Corpus Inscriptionum Latinarum II (et Supplementum)* – *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin); *IHC* (= HÜBNER, E. (1871; 1900) – *Inscriptiones Hispaniae Christianae (et Supplementum)* Berlin. Os desenhos deste artigo são da autoria de Maria Helena Figueiredo e a foto do Dr. Mário Jorge de Almeida.

² Soubemos do seu paradeiro em 2002, por indicação do Prof. Doutor Raúl Miguel Rosado Fernandes, a quem agradecemos.

*cratio in formam deorum*³. De qualquer maneira o *signum* é indissociável do monumento, assim o determina o uso da partícula *cum*.

A superfície epigrafada sofreu alterações de concepção. Primitivamente o espaço foi dividido em três campos; esta divisão foi parcialmente apagada e completamente ignorada quando se procedeu à gravação do texto central, o primeiro a ser gravado; posteriormente gravaram-se os outros dois epitáfios, separados por novas linhas verticais que contrastam, na rudeza do traçado, com a boa qualidade da gravação dos textos. Ordenámo-los pela sua mais provável ordem de feitura, assim em primeiro lugar apresentamos a epígrafe central, seguida da do lado direito e finalmente a da esquerda.

Dimensões gerais: comprimento, 172 cm, altura 38 cm, espessura 20 cm.

Texto A

Munnia ◦ *Marciana* ◦ *ann(orum)* ◦ *XXV* ◦

◦ *h(ic)* ◦ *s(ita)* ◦ *e(st)* ◦ *s(it)* ◦ *t(ibi)* ◦ *t(erra)* ◦ *l(evis)* ◦ *Munnius* ◦ *Marcianus* ◦ *pat(er)* ◦

◦ *et* ◦ *Iulia* ◦ *Candida* ◦ *mat(er)* ◦ *filiae* ◦ *pientissi*

me ◦ *tetrastylum* ◦ *cum signu* ◦ ◻ *hedera* ◻

piaetatis (sic) ◦ ◦ *fecerunt* ◦

Versão portuguesa:

Múnia Marciana, de 25 anos, está aqui sepultada, que a terra seja leve para ti. Múnio Marciano seu pai e Júlia Cândida sua mãe, fizeram para sua filha, muito piedosa, um tetrástilo com signo de piedade⁴.

Texto A – comentário

O campo epigráfico, de 75 cm de comprimento por 21cm de altura, está completo e foi delimitado de ambos os lados, por um sulco vertical irregular,

³ Neste caso, esta prática implicava a representação deificada de *Munnia Marciana*, por meio de uma estátua, que faria parte integrante do monumento. Sobre o tema Cf. WREDE, H. (1981).

⁴ Preferiu-se a tradução literal em primeiro lugar para que ficasse clara a diferença entre os distintos formulários e práticas cultuais que este monumento exhibe. Como foi dito acima na nota 3 esta expressão implica uma representação escultórica, mas com significado cultural distinto das outras representações que documentavam membros da família dos *Munnii*, referidos nos dois outros textos epigráficos deste mesmo monumento como *statua* e *istatua*. A preferência justifica-se ainda por se tratar aqui de uma tradução e não de uma interpretação.

para além dos que foram já referidos como fazendo parte de uma organização do suporte, prévia à gravação deste texto, e que foi abandonada. Existem vestígios do traçado de pautas de orientação de escrita. A *ordinatio* aponta para um alinhamento do texto à esquerda, nas quatro primeiras linhas, e na quinta linha, para uma procura frustrada de simetria, segundo um eixo vertical, subordinado ao tamanho da primeira linha, o que é muito acentuado pelo duplo ponto e espaçamento entre *pietatis e fecerunt*. As letras medem entre 3 e 3,5 cm, inscrevem-se num rectângulo alongado, estão gravadas com um perfil em v, e todas as hastes são terminadas superior e inferiormente. Os pontos de separação são pequenos triângulos. No traçado dos *aa* a barra mediana é horizontal, embora na l.2, o primeiro *a* de *Marcianus*, tenha o traço intermédio oblíqua para a esquerda. Os *mm* são simétricos, com as pernas exteriores oblíquas e, tocando as interiores, a linha inferior de orientação de escrita; são notórios traços de cursivismo no balanceamento das hastes oblíquas dos *rr* e nos traços superiores dos *tt*, que apresentam o traço superior bipartido e com acentuada ondulação, bem como no traçado ondulante do *y*. Não existem nexos nem letras inclusas.

A inscrição não apresenta problemas de leitura; chama-se a atenção para o traçado longo do terceiro *i* de *pietissime*, e a omissão do *a*, a denunciar uma prática vulgarizada em época tardia (Carnoy, 1971, p. 70 e ss) e que pode ser entendida aqui, em articulação com a assunção do *i* longo, como uma alteração na quantidade das vogais. Note-se também que *pietatis* está por *pietatis*, talvez resultante de uma confusão fonética numa época em que *ae* tinha já um som muito parecido com *e* longo aberto (Carnoy, 1971, p.81).

Texto B

Luc(ius) o Munnius Marcianu[s]

ann o LXXV o Iulia Candid[a]

marito merentissimo

istatuum (sic) posuit

Versão portuguesa:

Júlia Cândida mandou que se fizesse uma estátua a Lúcio Múnio Marciano, de 75 anos, seu marido muitíssimo merecedor (desta homenagem).

Texto B – comentário

O campo epigráfico, de 46 cm de comprimento por 21 de altura, foi danificado do lado direito, e está delimitado à esquerda por um sulco vertical irregular. O que se perdeu à direita da inscrição não devia ter sido mais do que o espaço para duas letras, a avaliar pela última palavra da l.2. O texto foi alinhado

à esquerda. As letras, que medem entre 3 e 3,5 cm, estão gravadas com um perfil em v, e todas as hastes são terminadas superior e inferiormente. Os pontos de separação são pequenos triângulos. No traçado de alguns dos *aa* nota-se a tendência da barra mediana para obliquar para a esquerda, como se vê na l.3 no a de *marito*; na menção dos anos vividos, o traço inferior do *l* obliqua ondulando para baixo; os *tt* apresentam o traço superior bipartido e com acentuada ondulação. Na l.1 existe o nexa *ma*, em *Marcianus*. Não existem letras inclusas.

Note-se que, na l.4, a forma *istatuam* por *statuam* apresenta a introdução de um *i* protético, fenómeno que, embora não esteja ainda documentado nesta palavra, tem paralelos no latim hispânico. A. Carnoy (1971, p. 110-113) admite que este fenómeno pode datar-se de finais do séc. II ou inícios do III, quando se encontra mais vulgarizado. Também convém notar, na l.1, a abreviatura *Luc(ius)*, pouco frequente, embora tenhamos alguns exemplos na Hispânia⁵.

Texto C

[] *iia* ◦ *Candida* ◦ *ann(orum)p(lus)* LXX ◦

[*ar*] *am et* ◦ *sta[tu]am* ◦

mi posuit ⊂ *infula* ⊃

Versão portuguesa:

Eu, [...]ia Cândida, com mais de 70 anos, mandei que fossem feitas, para mim, uma ara e uma estátua.

Texto C – comentário

O campo epigráfico, de 40 cm de comprimento por 21 de altura, foi danificado do lado esquerdo, e está delimitado à direita por um sulco vertical irregular. O que se perdeu à esquerda da inscrição não devia ter sido mais do que o espaço para uma ou duas letras, a avaliar pela primeira palavra da l.3. O texto devia ter estado alinhado à esquerda; em baixo à direita a seguir à palavra *posuit*, está gravada uma grinalda com fitas pendentes (*infula*)⁶. As letras medem entre 3 e 3,5 cm e estão gravadas com um perfil em v, e todas as hastes são terminadas superior e inferiormente. Os pontos de separação são pequenos triângulos. No traçado dos *aa* nota-se a tendência da barra mediana

⁵ Cf. RIT 36, de Tarraco: *Iunoni Aug(ustae) / sacrum in b(onorem) (et) m(e) moriam) / Caeciliae / Ianuariae Luc(ius) / Caeci(ius) Epityncha/nus uxori optimae s(ua) p(ro)ecunia f(ecit) e CIL II, 260 de Córdoba: *Imp(eratori) Caes(ar)i / Luc(io) Domitio / Aureliano Pio / Fel(ici) Invicto / Aug(usto) res publica / Astigitana) devota / numini maiest(at)iq(ue) eius*.*

⁶ *Infulae* e bastões com folhagem terminados em pinha são elementos conhecidos da decoração de bases funerárias, ver a propósito Garcia y Bellido, 1949, p.288 e ss.

para obliquar para a esquerda; no traçado dos *dd* nota-se a tendência para o acentuar o levantamento superior da parte curva da letra; o único *l* da inscrição, na menção dos anos vividos, nota-se que a parte inferior da letra obliqua ondulando para baixo, e a haste vertical, de maior tamanho que as restantes letras, curva para a esquerda; os *tt* apresentam o traço superior bipartido e com acentuada ondulação; na l.1 a terminação inferior da barriga do *p*, não chega a tocar a haste vertical e recurva para a direita.

Não existem letras inclusas. Note-se que, na l.3, o *i* de *posuit* é claramente de tamanho inferior ao das restantes letras da palavra; quanto aos nexos podemos ver na l.1 que a haste vertical do segundo *n* de *annorum* foi utilizada para traçar o *p* de *p(lus)*; a expressão *annorum plus* faz sentido na medida em que *[---]tia Candida* fez este epitáfio para si enquanto viva, logo a idade exarada não é que tinha à data da sua morte mas a que tinha à data da feitura do epitáfio.

Note-se que na l.3, a forma *mi* = *mibi* deve ser entendida como a apropriação de uma forma poética já estudada⁷, de que temos paralelos numa inscrição de Beja (IRCP n.º 270; CIL II, 59 e 5186).

Face à inscrição funerária de *Munnia Marciana* (texto B), tudo levaria a crer que o texto A era o epitáfio de *Iulia Candida*, mas (a menos que se trate de um erro de lapicida, sempre difícil de comprovar), a inquestionável presença de um *t* no início da l.1 impede-nos essa hipótese e leva-nos a considerar a possibilidade de um outro nome gentílico. Como na l.2 a palavra possível neste contexto é *aram*⁸, isto justificaria também o desaparecimento de duas letras na linha anterior. Ora na l.1, o espaço admissível, à esquerda, de uma ou duas letras, aconselha a restituição de um gentílico romano como *Attia* ou *Cutia* (Solin e Salomies, 1988 p. 23 e 66), ou com menos probabilidade, de nomes indígenas como *Dutia*, conhecido em regiões peninsulares, ‘menos romanizadas’ (Palomar Lapesa, 1957, p.71-72).

Os Munnii

O gentílico *Munnius* / *Munius* é do ponto de vista linguístico um nome latino, com várias ocorrências na Itália (Solin e Salomies, 1988, p.123; W. Schulze, 1991, p.195).

Na Hispânia estão representadas as duas formas do gentílico, embora a forma *Munnius* seja a mais vulgar (Abascal Palazón, 1994, p.187-188), a sua distribuição geográfica privilegia a costa oriental da Península, onde encontramos os *Munnii* socialmente mais relevantes.

Os *Munnii* tiveram em *Munnia L. f. Severa (Novati)* uma flamínica provincial, que vemos referida em *Tarraco* numa base de estátua datável de época

⁷ Sobre o uso na Hispânia de *mi* = *mibi* cf. A. Carnoy 1971, p. 113.

⁸ Aras e estátuas como dádivas referidas em inscrições funerárias são conhecidas; em ambientes economicamente desafogados, mesmo entre indivíduos de baixo estatuto jurídico como por exemplo em Ostia, CIL XIV, 731 *Dis / Manibus / Caesenniae / Erotidis / A(ulus) Caesennius / Herma / aram et statuas fecit / sibi et coniugi suae de se / bene merenti*.

flávia ou da primeira metade do séc. II (Alföldy, 1975, n.347); em *Dertosa* (Tortosa) *L(ucius) Munnius L. f. Gal(eria) Placidus* foi duovir e flâmine do culto imperial (CIL II, 14, 792), estando aqui este gentílico associado aos *Porcii* que eram de extracção social inferior, mas que receberam da cidade as honras do duovirato (CIL II, 14, 793 e 794); envolveram-se também no serviço público, duovirato, *L. Munius Quir(ina) Novatus* e *L. Munius Quir(ina) Aurelianus*, na cidade de *Iluro* (Alora), na Bética; aqui estes dois duovires, inscritos na tribo Quirina, foram objecto de uma recente promoção jurídica, “*civitatem romanam per honorem duoviratus consecuti*”, como deixaram exarado na lápide ao Imperador Domiciano⁹. Se admitirmos que os *Munnii* de *Tarraco* e os de *Iluro* estavam familiarmente próximos, poderíamos considerar os primeiros (inscritos na tribo Galéria), como os agentes de uma ‘colonização interna’ em direcção a *Iluro*, onde os portadores do gentílico passaram a inscrever-se na tribo Quirina.

Entre a Catalunha e a Andaluzia, os vestígios do uso do gentílico, são mais dispersos, e a unidade geográfica é-lhes conferida por uma localização próxima da orla costeira.

Os *Munnii*, da inscrição que agora nos ocupa, usam o *praenomen Lucius*, que é comum nos portadores deste gentílico, tanto nos ramos familiares da Bética como nos de *Dertosa*; mas a situação geográfica, na Lusitânia interior, parece contraditar a vocação costeira da distribuição gentílica, para mais se na região podemos ter, no cognome *Munilla*, um eco da presença do gentílico, não nos é, no entanto, possível determinar qual o estatuto sócio-económico do seu portador¹⁰. Também na Lusitânia a forma do gentílico com um único *n* aparece na villa de Conqueiros, nos arredores de Miróbriga, associado a ambiente geralmente considerado indígena, e datado de meados do séc. I d.C.¹¹, bem como na inscrição funerária de *Iulius Munii Bitalicus* que é referido como augustal, portanto de origem libertina, encontrada em Unhos, a oriente de Lisboa. A sobrevivência do gentílico, em época tardia, não é exclusiva da inscrição do tetrástilo; de facto, o nome *Munius* é ainda atribuído, em finais do séc. VI, ao bispo de Calagurris (Garcia Moreno, 1974, p. 208), o que garante uma persistente permanência do gentílico entre as elites da região do Ebro.

A Hispânia é, apesar da escassez das ocorrências, a província romana com mais registos de portadores deste gentílico, o que levou alguns filólogos a considerarem-no afim dos nomes ‘indígenas’ (Albertos Firmat, 1966, p.161-162; Palomar Lapesa 1957, p. 147); entre a documentação medieval portuguesa o nome *Munniu* e *Munnio* é referido nos séculos X e XI, respectivamente (Corteão, 1912 p.233), bem como *Munio* e *Munnius/Monis*¹².

Nesta inscrição do tetrástilo funerário temos a sobrevivência tardo-imperial dos portadores ruralizados de um gentílico que, originário da Itália, irá sobrevi-

⁹ CIL, II, 1945; G. Alföldy, loc. cit. supra, chama a atenção para o facto da inscrição de Tarraco ser uma homenagem a *Munniae L. f. Severae Novati*, o que a pode associar ao *Munius Novatus de Iluro*.

¹⁰ IRCP 397 avalia a data da inscrição em função da proximidade textual com a forma indígena de referir a filiação, o que se é um indício no processo civilizacional, não é necessariamente um critério cronológico.

¹¹ Cf. J. D’ Encarnação, (1996) p.142-144. Para datar esta inscrição, o A apoia-se em critérios paleográficos e onomásticos, idênticos aos já comentados na nota anterior.

¹² Cf. IHC, 515 e 212 respectivamente, datados de inícios do séc. XI.

ver principalmente na Hispânia, onde é visível, no vale do Ebro, entre as elites locais e, na Bética, entre alguns dos que foram sócio-juridicamente promovidos pela reforma flávia.

As associações familiares

O gentílico *Marcus* e o cognome *Marcianus* estão documentados no *Conventus pacensis* (IRCP p.863 e 868), entre as elites locais de Mértola e Beja, e o gentílico *Iulius*, por tão vulgar, não permite por isso, acuidade de análise. Assim, temos que admitir que neste ramo dos *Munni* pacenses confluíram talvez também os *Marcii*, conhecidos na região, e que estariam, de certo, na origem do cognome *Marcianus*.

Ao esquema familiar:

Lucius Munnius Marcianus + Iulia Candida

-----v-----
Munnia Marciana

há que admitir talvez também uma [...]tia *Candida*, talvez relacionada com o lado materno da família, que mandou escrever para si o epitáfio da esquerda, na arquitrave do tetrástilo.

A inscrição diz-nos que esta pedra pertence a um tetrástilo funerário, logo que estamos perante um túmulo rectangular em forma de templo, com quatro colunas, templo esse que albergava, além da representação deificada de *Munnia Marciana*, mais duas estátuas (uma feminina e outra masculina) e uma ara. Uma, a de *Lucius Marcianus*, oferecida por *Iulia Candida*, outra que [...]tia *Candida* fez para si própria. Representações dos defuntos nos monumentos funerários, podiam estar colocadas, ou em nichos nas paredes dos edifícios, no caso de bustos, ou no espaço entre colunas, no caso de serem representações de corpo inteiro; das segundas temos exemplo no monumento funerário de *Asfionius Rufus* (Toynbee, 1971, p. 131 e fig.36), das primeiras nos baixos relevos do túmulo dos *Haterii* (op. cit. p. 81, 132, 268-9 e fig. 17).

Na face inferior do lintel, e envolvendo a decoração, corre uma moldura em filete que, em ambos os topos, descreve uma ligeira curva. Nestas duas extremidades, à direita e à esquerda, os capitéis das colunas suportavam metade desta pedra central do lintel, e metade das outras que lhe eram perpendiculares e que, por sua vez deviam apoiar, cada uma, a outra extremidade numa coluna. A medida da espessura do lintel é de 20 cm, e mesmo que os capitéis, para dar apoio aos três blocos que o formavam medissem aproximadamente 30 cm de diâmetro, a altura do monumento não deveria exceder os 3 metros de altura, contando já com o *podium*, o que era suficiente para não só permitir a passagem mas também para permitir a leitura das pequenas letras do texto (de 3 a 3,5 cm).

Os monumentos funerários em forma de tetrástilo são pouco vulgares; na Hispânia temos um em Fabara (na província de Saragoça), também com uma arquitrave com a inscrição funerária, mas em grandes letras de bronze, o que

permite a leitura do texto funerário, mesmo com colunas de 6,44 m de altura (Blanco Freijeiro, 1978, p.121-122, fig. 31).

Este, agora encontrado no Distrito de Évora, que pelas características formais e textuais pode ser datado de finais do séc. III inícios do IV, indicia a presença de uma abastada família rural, e é tanto mais significativo quando se sabe quanto são raros os tetrástilos funerários, ele é, por enquanto, o único conhecido no território português.

Bibliografia

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia: Universidad de Murcia & Universidad Complutense de Madrid.
- ALBERTOS FIRMAT, M^a. L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense e Bética*. Salamanca : C.S.I.C.
- ALFÖLDY, G. (1975) - *Die Römischen Inschriften von Tarraco*, Berlin: Walter de Gruyter & Co. (=RIT).
- BLANCO FREIJEIRO, A. (1981) - *Historia del Arte Hispánico*. I. *La Antigüedad*. 2, Madrid: Editorial Alambra.
- CARNOY, A. (1971) - *Le latin d'Espagne, d'après les inscriptions*. Hildesheim - New York: Georg Olms Verlag.
- CORTESÃO, A. A. (1912) - *Onomástico Medieval Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- DAREMBERG, CH.; SAGLIO, E.; POTTIER, E.; (1877-1919) - *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*. Paris: Hachette.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- ENCARNAÇÃO, J. (1996) - Problemas em aberto na epigrafia mirobrigense. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 129-146.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1949) - *Esculturas romanas de España y Portugal*. Madrid: C.S.I.C.
- GARCIA MORENO, L. A. (1974) - *Prosopografía del Reino visigodo de Toledo*. Salamanca: Universidade de Salamanca.
- HÜBNER, E. (1869; 1902) - *Corpus Inscriptionum Latinarum II (et Supplementum) - Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Academia litterarum regia Borussia.
- HÜBNER, E. (1871; 1900) - *Inscriptiones Hispaniae Christianae (et Supplementum)*. Berlin: Georgium Reimerum.
- LAMBRINO, S. (1961) - Une famille sénatoriale d'Évora. *Euphrosyne*. Lisboa. 3, p.225-231.
- PALOMAR LAPESA, M. (1957) - *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca: C.S.I.C.
- SCHULZE, W. (1991) - *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*. Zürich; Hildesheim: Weidmann. Com nova bibliografia e notas complementares de H. Solin.
- SOLIN, H. e SALOMIES, O. (1988) - *Repertorium nominum gentilium et cognominum latinorum*. Hildesheim: Georg Olms.
- TOYNBEE, J. M. C. (1971) - *Death and Burial in the Roman World*. London: Thames and Hudson.
- WREDE, H. (1981) - *Consecratio in formam deorum: vergöttlichte Privatpersonen in der römischen Kaiserzeit*. Mainz am Rhein: Von Zabern.

Quadro dos portadores do gentílico Munnius / Munius e dos de cognomes derivados.

N.º Ref.	Proveniência	Onomástica	cargos	Onomástica associada	Obs.
1 GM, 591	Calagurris (T)	Munius	"Episcopus Calagurritanus"		587 (III Concílio de Toledo)
2 CIL II, 14, 797	Dertosa (T)	L. Murrilius ?		Pomplonia G. f. S[...]	
4 CIL II, 14, 793	Dertosa (T)	L. Munnius L. f. Gall(eria) Placidus	"Flamen Rom. et Aug.; II vir"	Porcia Placidia	Honorífica "Ex testamento"
5 CIL II, 14, 792	Dertosa (T)	L. Munnius L. f. Gall(eria) Placidus L. Munnius Placidus (filho do anterior)	"Flamen Rom. et Aug.; II vir"		Honorífica "Ex testamento patris"
6 CIL II, 14, 755	Alcora (T)	Q. Munnius Q. f. Graecus Q. Munnius Q. f. Graecinus		Valeria G. f. Rosula	funerária
6 RIT 347 e RIT 348 ?	Tarraco (T)	Munnia L. f. Severa (Novat)	"Flam. Perp. Concordiae Aug."	Novatianus (filho de Severa)	"D. D. Impensam remisit"
7 RIT 21	Tarraco (T)	Munnian[3]			votiva
8 HEp. 2, 375	Saelices (T)	Q. Munn[...?] (Segobriga)			
9 CIL II, 1945 e p.704	Iluro (B)	L(uctus) Munnius Quir(ina) Novatus L(uctus) Munnius Quir(ina) Aurelianus	"II vir" "II vir"		Domiciano (84-95) "c(vitatem) R(omanam) per honorem Ilvir(atus) consequit"
10 CIL II, 7, 252 HAE, 2.052.	Córdoba (B)	Munnitia	// Casius / Clippius(?) /	Fausta Faustus / Pollio filius	funerária
11 CIL II, 254	Unhos (Lisboa) (L)	[...] Iulius Munii Bitalicus	"Augustal"		funerária
12 IRCP, 153 = J.	Conqueiros villa	Munlia Brocina Arcomis f.	(Miroboga)	(L)	funerária
13 CIL II, 117 = IRCP 397	Èvora (L)	Iulia Ruf f. Munilia		Iulia Galla	funerária

permite a leitura do texto funerário mesmo com colunas de 5,44 m de altura (Blasco Breijoso, 1979, p.121-122, figura 33).

Este, agora encontrado no Distrito de Évora, que pelas características formais e textuais pode ser datado de finais do séc III iniciais do IV, indica a presença de uma abastada família rural que se tornou mais significativa quando se sabe quanto são raros os tetrástilos conhecidos. Este é, por enquanto, o único exemplo cido no território português.

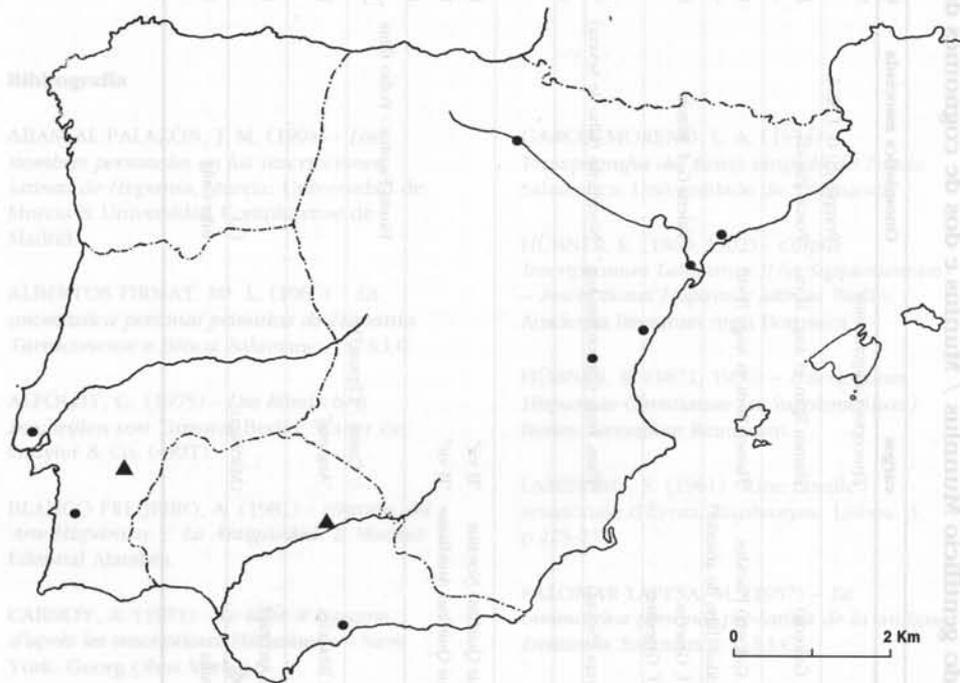


Fig. 1 – Mapa da distribuição geográfica do gentílico *Munnius* e cognomes dele derivados:

- Gentílico *Munnius*
- ▲ Cognomes derivados do gentílico *Munnius*



Fig. 4 – Foto da face epigrafada